

ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS PREFERÊNCIAS DE ADOLESCENTES EM CONTEÚDO ACESSADO NA INTERNET¹

ANALYSIS OF GENDER RELATIONS IN ADOLESCENTS' PREFERENCES IN THE INTERNET ACCESS

- **Erika Giacometti Rocha Berribili** (Universidade Federal de São Carlos /UFSCar – erikagiacometti@ufscar.br)
- **Daniel Mill** (Universidade Federal de São Carlos /UFSCar – mil.ufscar@gmail.com)

Resumo:

As diferenças de gênero manifestam-se pelas subjetividades nas escolas, também condicionadas a “papéis sociais”. Ressalta-se que no conceito “papéis” existe uma referência à visão bourdiana. Ultrapassa-se, assim, o simples senso do “natural” ou não arbitrário e entende-se os comportamentos condicionados, a exemplo, as preferências dos adolescentes ao pesquisar assuntos de seus interesses na Internet. O trabalho é resultado da análise das respostas dos alunos de 14 a 16 anos dos sexos masculino e feminino a um questionário aplicado em escolas, em perspectiva à perpetuação de estruturas sociais de gênero que dificulta, a muitas mulheres, o exercício de funções relacionadas às tecnologias. Busca-se abrir um caminho que auxilie os educadores e pesquisadores a perceber como essa reprodução de estrutura social baseada em gênero manifesta-se sutilmente nas escolhas dos sujeitos.

Palavras chave: gênero; tecnologias; adolescentes, Bourdieu.

Abstract:

The subjects in schools manifest the gender differences, conditioned the "social roles". It is noteworthy that the concept of "roles" there is a close restriction on Bourdieu's vision. Therefore, surpasses therefore the simple sense of "natural" or not arbitrary and means conditioned behaviors, like, the preferences of teens to research topics of their interests on the Internet. The work is the result of analysis of the responses of students from 14 to 16 for males and females to a questionnaire administered in schools in perspective the perpetuation of social structures of gender that makes it difficult for many women, the exercise of related functions to technologies. The aim is to open a way to assist educators and researchers to understand how this reproduction of gender-based social structure manifests itself subtly in the choice of subjects.

Keywords: gender; technologies; adolescents, Bourdieu.

1

1 Introdução

Muito se comenta sobre diferenças de gênero que são manifestas as subjetividades nas instituições escolares. A questão da identidade homem-mulher que, durante séculos foi

¹ Trabalho desenvolvido com apoio financeiro da CAPES.

uma questão não polemizada, recebe força em nossa época. Seja do ponto de vista da fé religiosa cristã, que prega como norma essa relação com seus papéis sociais determinados, como também da preocupação com as lutas marcadas pela pluralidade de subjetividades e suas vozes. Cabe ressaltar que quando dizemos “papéis” existe uma restrição que se aproxima da visão bourdiana do termo. Segundo o autor, é necessário compreender a relação de dominação entre os homens e as mulheres em todos os espaços sociais, ou seja, não somente na família, como também no universo escolar, no mundo do trabalho, no universo burocrático e no campo da mídia e, ainda, é preciso

deixar em pedaços a imagem fantasiosa de um eterno feminino, para fazer ver melhor a permanência da estrutura da relação de dominação entre os homens e as mulheres, que se mantém acima das diferenças substanciais da condição, ligadas aos momentos da história e às posições no espaço social. [...] os gêneros, longe de serem simples “papéis” com que se poderia jogar à vontade (à maneira das *drag queens*), estão inscritos nos corpos e em todo um universo do qual extraem sua força (BOURDIEU, 2010, p. 61)

Por isso, tomamos como base que o critério de sexo se relaciona à reprodução dos modelos de papéis desempenhados pelos sujeitos com as características biológicas distintas – femininas e masculinas, mas formados arbitrariamente através deles. É necessário ultrapassar um simples senso de papéis desempenhados como naturais e entender os comportamentos condicionados do sujeito na sociedade.

Esse ponto de vista pode também ser compreendido através de Bourdieu (2010), quando esclarece que os papéis masculino e feminino são arbitrariamente construídos ao longo da história. Ressalta que a construção simbólica desses papéis se relaciona a marcas biológicas (órgãos sexuais) e, por serem associados a essas marcas, com o tempo, são vistos como “naturais”.

Por essas razões, será usado aqui o termo “gênero” (BOURDIEU, 2010) muitas vezes, apesar de haver ciência da “complexidade e amplitude da discussão” (CASTELLS, 2001). O que interessa é observar as sutilezas dessa naturalização de papéis feminino e masculino. No caso, principalmente das mulheres, o processo de condicionamento do papel que lhe é atribuído repercute em perda de poderes na sociedade.

Segundo Bourdieu (2010, p. 54), para compreender “a distribuição estatística dos poderes e privilégios entre homens e mulheres, e sua evolução no decurso do tempo”, deve-se observar duas propriedades que podem parecer contraditórias, num primeiro momento.

Por um lado, qualquer que seja a posição no espaço social, as mulheres têm em comum o fato de estarem separadas dos homens por um coeficiente simbólico negativo que, tal como a cor da pele para os negros, ou qualquer outro sinal de pertencer a um grupo social estigmatizado, afeta negativamente tudo que elas são e fazem, e está na própria base de um conjunto sistemático de diferenças (...) (BOURDIEU, 2010, p. 56).

No que tange às atuais investigações e teorias nas questões de gênero e tecnologia no Brasil, são enfatizadas as características específicas de cada tecnologia e as posições diferenciadas das mulheres em relação a elas. Esta perspectiva explora o impacto das tecnologias sobre as representações sociais das mulheres nas questões relativas ao trabalho, ao direito, à saúde e à redistribuição de poder entre os sexos (SARTI, 2004, p. 41).

Os conceitos de Bourdieu nos oferece instrumentos para interpretar que, em todo o sistema, os comportamentos são apreendidos pelos sujeitos a tal ponto que práticas sociais, arbitrariamente construídas, são internalizadas, naturalizadas e quase invisíveis na

percepção dos próprios sujeitos. Parece claro que a perpetuação das estruturas sociais ocorre justamente dessa forma. Ressalta-se que estas estruturas favorecem, algumas vezes, uns e desfavorecem outros, de forma implícita. Mais importante: afirma ser escola um espaço de reprodução das estruturas sociais e de transferência de capitais de uma geração para outra. Considerando a cultura dos papéis de gênero exercidos pelos sujeitos, legado cultural da família, não poderia ser diferente.

O sistema de esquemas cognitivos que estão no princípio de construção da realidade e que são comuns, num determinado momento, ao conjunto de uma sociedade, constitui o inconsciente cultural, ou melhor, o “transcendental histórico” que serve de base ao senso comum (ou à doxa), isto é, a tudo aquilo que é “taken for granted”, que é percebido como evidente (BOURDIEU, 2013, p. 227).

O que é implícito, permeia e se reproduz nos meandros mais sutis, como o caso do comportamento manifestados também nas preferências dos adolescentes quando pesquisam assuntos de seus interesses na Internet. Desse modo, assume-se o objetivo de analisar as respostas comentadas dos alunos de 14 a 16 anos dos sexos masculino e feminino em escolas de São Carlos-SP, sob a perspectiva de perpetuação das estruturas sociais de gênero. Busca-se, portanto, abrir um caminho que auxilie os educadores e pesquisadores a perceber como essa reprodução de estrutura social baseada em gênero manifesta-se sutilmente nas escolhas dos sujeitos.

2 Levantamento Bibliográfico

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) podem, indiretamente, ter profundos efeitos nos papéis de gênero, gênero e equidade e no empoderamento das mulheres; entretanto isso depende de como histórico e culturalmente esse processo será construído. Diversos estudos apontam as possíveis diferenças no desempenho de sujeitos conforme o gênero ao longo da educação formal e podem servir como exemplo de como incide essa construção. Volman et al. (2005) investigou, na realidade holandesa, a acessibilidade e atratividade dos diferentes tipos de aplicações das TDIC na educação para meninas e meninos e para alunos de famílias de minoria étnica entre a população.

Anteriormente, Volman (1997) já havia aplicado uma pesquisa empírica para explicar porque mulheres são sub-representadas no âmbito das TDIC e de como isso repercute no delineamento da formação da identidade feminina com relação a essas tecnologias. Para ela, a diferença na utilização dos computadores por rapazes e moças não resulta de um problema inerente ao gênero. A autora cita um conjunto de estudos, no âmbito dos quais se verificou que, quando as mulheres adolescentes têm tempos de utilização dos computadores semelhantes aos homens, as diferenças entre gêneros são visivelmente diminuídas. A autora explica que essas diferenças entre os sexos são um fenômeno histórico e socialmente construído. Nesse sentido, Volman salienta que, nos empregos técnicos ou tecnológicos, as relações sociais do gênero estão pautadas no modo de organização do trabalho e da cultura masculina do posto de trabalho. Entende-se, além disso, que essa autora vê a relação com tecnologias como uma parte da identidade dos indivíduos. Isso se evidencia quando afirma que as próprias meninas se excluem, definindo-se como outsiders, ao passo que os meninos se autointitulam experts (VOLMAN et al., 2005). Assim, a pesquisa

de Volman corrobora o conceito de naturalização proposta por Bourdieu, na medida em que observa os próprios sujeitos se portando como é esperado deles.

No Brasil, não foi encontrada, atualmente, pesquisa relevante sobre o papel dos gêneros no contexto das tecnologias na área da educação básica, por outro lado temos muitos que abordam a questão da naturalização dos papéis binários de gênero.

Diversos estudos já compõem um quadro que demonstra como esta naturalização ocorre, ainda que não recorram ao trabalho de Bourdieu, e são perspectivas que focalizam o gênero e a sexualidade sem que isso tenha qualquer relação com o advento das tecnologias. O interessante para nós é que estes trabalhos apresentam formas de manutenção da naturalização do discurso heteronormativo.

Um exemplo é o trabalho de Vianna e Finco (2009). Observaram que a forma como a naturalização dos papéis binários de gênero é feita, evidencia-se no sistema comparativo de informações disponíveis na sociedade que compõem as normas ao classificar indivíduos e estabelecer sua relação com o coletivo. Nesse contexto, a criança que não segue as regras é vista como transgressora, um "caso" ou um problema no âmbito da produtividade, do poder e do saber. Dessa forma, a manutenção desse modelo masculino-feminino apresentado diariamente às meninas e meninos ocorre por meio do ocultamento das masculinidades e feminilidades alternativas, do silêncio sobre elas e de sua marginalização.

3 Procedimentos metodológicos

Este texto é fruto de uma investigação de natureza descritiva, que abordou a questão observada por meio de pesquisa quali-quantitativa e foi devidamente submetida aos procedimentos do Comitê de Ética, tendo sido autorizada. O estudo buscou caracterizar algumas transformações postas aos sujeitos investigados pelas tecnologias digitais, levando em conta outros componentes da situação em suas interações e influências.

Como instrumentos para levantamento de dados, foram adotados questionários e entrevistas. O questionário, embora estruturado e objetivo, apresentou algumas questões com opção para o sujeito investigado comentar/registrar suas opiniões sobre certos assuntos. Destes comentários, extraíram-se dados analisados neste artigo. Para garantir maior amostragem, os questionários foram aplicados em material impresso. Posteriormente, os dados foram sistematizados em banco de dado digital. Para sistematização e análise dos dados recolhidos, adotamos as ferramentas do Access® e Excel®.

O questionário foi aplicado a 760 adolescentes, sendo aproveitadas as respostas de 533 participantes. A aplicação ocorreu em três escolas da rede privada e em três escolas da rede pública. Após organizar e sistematizar os dados coletados, quadros, tabelas e figuras foram elaborados e analisados, além dos dados textuais de entrevistas e comentários livres ou abertos. O processo de sistematização dos dados em categorias de análise envolveu a observação de regularidades e padrões (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 125).

Os sujeitos participantes da pesquisa tinham de 14 a 16 anos de idade. Os sujeitos de 14 anos somaram 146 (27,4%) da amostra, os de 15 anos contabilizam 199 (37,33%) e os de 16 anos, 188 (35,27%). Em relação ao tipo de escola, observa-se que 385 (72%) estudantes eram de escolas públicas e, para escolas privadas, eram 148 (28%) sujeitos participantes estudantes de escolas privadas.

4 Resultados e Discussão

Neste estudo, o critério de “sexo” relaciona-se à reprodução dos modelos de papéis sociais, desempenhados pelos sujeitos com as características biológicas distintas – femininas e masculinas e como isso influi na relação com as tecnologias em meio social. Conforme dados recolhidos, há 260 (48,78%) dos participantes do gênero feminino e 273 (51,22%) dos participantes do gênero masculino.

Conforme o quadro 1, as categorias extraídas são: beleza, tecnologias e jogos, relacionamento, atualidades, compras, entretenimento geral, educação escolar e trabalho, religião e, finalmente, saúde.

Quadro 1. Conteúdos acessados na Internet pelos participantes.

Categorias	Quantidade de respostas (número de participantes e percentual)	
	Feminino	Masculino
Beleza	21 (4,97%)	1 (0,23%)
Tecnologias	4 (0,94%)	24 (5,7%)
Relacionamento	21 (4,97%)	37 (8,77%)
Atualidades	16 (1,42%)	17 (4,02%)
Compras	3 (0,71%)	7 (1,66%)
Entretenimento geral	101 (23,93%)	90 (21,32%)
Escola e trabalho	46 (10,9%)	26 (6,16%)
Religião	2 (0,47%)	2 (0,47%)
Saúde	2 (0,47%)	2 (0,47%)

Fonte: autoria própria.

Nestas categorias, é possível observar que

A divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas sexuadas), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 2013, p. 229).

Conforme senso comum, a “ordem das coisas” dita que homens tendem a lidar melhor com tecnologias e jogos do que as meninas. A definição de tecnologia sempre foi, em boa parte, um reflexo de atividades “masculinas”. Tende, frequentemente, a ser pensada enquanto maquinaria industrial e carros, por exemplo, ignorando outras tecnologias que

afetam muitos aspectos da vida diária. Em certo sentido, a história da tecnologia ainda representa o estereótipo do inventor masculino. Essa crença, conforme visto em Bourdieu (2013, p. 227), seria parte do sistema cultural que nutre os sistemas cognitivos em que estão o princípio da realidade social. Assim, na literatura pesquisada, serão debatidos aqueles dados que apresentem relação entre TDIC, educação básica e diferenças de gênero, como é o caso de Volman (1997) e Volman et al. (2005) e também serão usados alguns dados do cetic.br (2014).

Na comparação do grupo feminino e masculino, é possível observar algumas primeiras diferenças procedentes da divisão sexuada manifestadas em seus comportamentos e preferências. Essa constatação indicada nos dados da amostra remete-nos à Bourdieu:

Se toda relação social é, sob certos aspectos, o lugar de troca no qual cada um oferece à avaliação seu parecer sensível, é maior para a mulher que para o homem a parte que, em ser-percebido, compete ao corpo, reduzindo-o ao que se chama por vezes, “físico” (potencialmente sexualizado), em relação a propriedades menos diretamente sensíveis, como a linguagem. Enquanto que, para os homens, as aparências e os trajes tendem a apagar o corpo em proveito de signos sociais de posição social (roupas ornamentos, uniformes), nas mulheres, eles tendem a exaltá-lo e a dele fazer uma linguagem de sedução (BOURDIEU, 2010, p. 67).

Em outras palavras, Bourdieu esclarece que as mulheres tendem a investir tempo, dinheiro e energia no trabalho de apresentação física, tratando-se a si mesmas como objetos estéticos. Entre nossas participantes, isso se mostra na dedicação a tudo que se refere à beleza, conforme relatam as respostas na categoria (4,97%). Entre rapazes, houve respostas para este critério, mas foi bem pontual (0,23%). Nesse caso, poder-se-ia discordar do autor afirmando que ambos os sexos são preocupados em atrair um par amoroso através de cuidados com o corpo. Mas o número menor de respostas do grupo masculino sinaliza a concordância com a posição do autor, a partir do momento em que o sujeito “encobre” um fato, quando há oportunidade de expressão social. Não é difícil constatar na mídia a associação dessa atividade à preocupação com a forma corporal para atração de par amoroso. A preocupação também é masculina, mas admiti-lo seria ressaltar sua importância e isso não é culturalmente aceito no universo de dominância masculina.

É dessa forma que homens e mulheres diferem entre si, enquanto seres que recebem através da cultura valores que são típicos e construídos arbitrariamente sendo essas características vistas como “naturais” por grande parte da sociedade. Por essa razão, Bourdieu faz uma referência ao seu conceito de *habitus* para falar que a percepção dos agentes também é tomada por esses esquemas de pensamento. Assim, o mundo objetivo é interpretado seguindo a ordem lógica dessa divisão sexuada: os agentes irão agir e pensar conforme esses esquemas e isso se refletirá no corpo, no comportamento e escolhas dos sujeitos (BOURDIEU, 2010, p. 8).

Essa primeira demonstração nos quadros 1 e 2 aparentemente não se estende a outros espaços sociais. Por isso, foram trazidos dados que representam o comportamento desses adolescentes frente ao uso das TDIC na educação escolar, com o objetivo comparativo aos estudos similares realizados por Volman (1997) e Volman et al. (2005).

Os resultados da pesquisa feita na Holanda (VOLMAN, 1997) são geralmente positivos em relação ao uso dos computadores na educação. Em Volman et al. (2005, p. 45-46), as opiniões vêm de um grupo de minoria étnica e outro da maioria da população de amostragem. Uma das três escolas primárias da pesquisa espera melhores resultados prospectivos se eles trabalharem com computadores no ensino-aprendizagem. Observaram-se diferenças entre os diferentes grupos de estudantes nesse ponto. Garotas não têm esta expectativa tanto quanto garotos e estudantes de contextos de minorias étnicas, mas têm maiores expectativas que estudantes da maioria da população (VOLMAN et al., 2005, p. 46). Os pesquisadores encontraram outras diferenças de gênero no comportamento relacionado ao computador: na escola secundária, meninos querem saber mais sobre computador. Eles dizem mais frequentemente que gostam de estudar pelo computador, que gostam de aulas pelo computador, assim como também afirmam mais ter controle do computador do que meninas (VOLMAN et al., 2005, p. 46-47).

Em nossa pesquisa, perguntamos aos adolescentes se eles usam a Internet para estudar. A figura 2 demonstra um retrato das respostas dos sujeitos participantes da pesquisa.

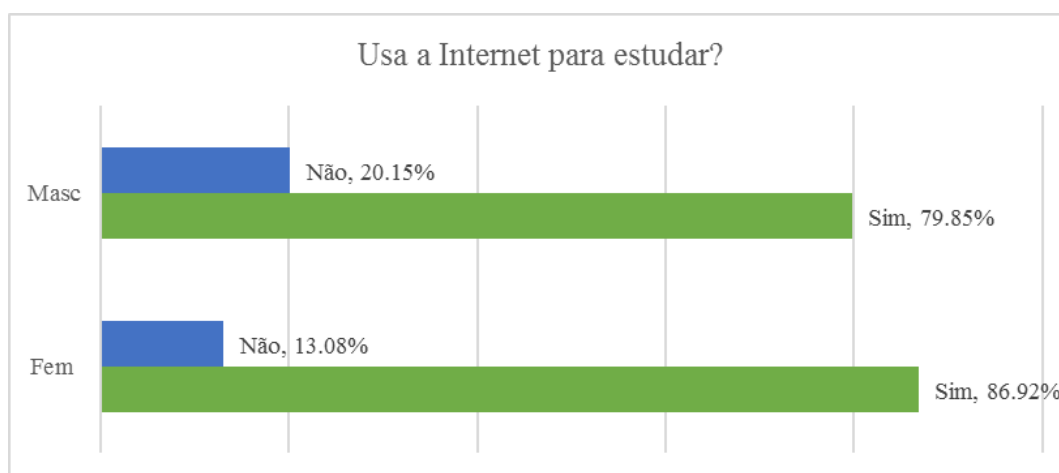


Figura 1. Distribuição de participantes, por gênero, quanto ao uso da Internet nos estudos.
Fonte: autoria própria.

Conforme consta na figura 1, é aproximadamente 7% maior o percentual de meninas (entre 14 e 16 anos) que usam a Internet para os estudos (86,92% das moças, contra 79,85% dos rapazes). Isto indica maior interesse educacional na Internet por parte das estudantes do sexo feminino. Uma outra questão apresentada aos sujeitos da pesquisa tratou de demais atividades possibilitadas pelo uso da Internet. Os resultados foram organizados na figura 2.

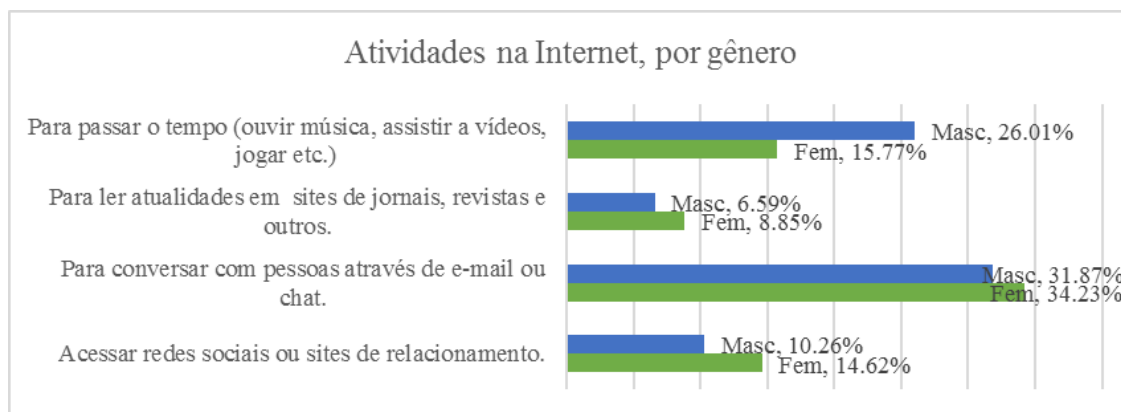


Figura 2. Distribuição de participantes por gênero em atividades realizadas na Internet.
Fonte: autoria própria.

A figura 2 informa que a diferença de uso da Internet entre os participantes dos gêneros masculino e feminino se acentuam quando a atividade é para entretenimento (ouvir músicas, assistir a vídeos, jogar etc.): as meninas fazem esse tipo de uso da Internet com menor intensidade ou frequência (15,77% para meninas contra 26,01% das respostas dos meninos). No relatório do cetec.br (2014, p. 457-61), a proporção de alunos, por uso do computador com Internet para a realização de pesquisas escolares foi de 87% para o grupo feminino e 83% para o masculino; para fazer projetos ou trabalhos sobre um tema, 80% e 77%; para trabalhos em grupo, 73% e 67% e, por fim, para fazer lições que o professor passa, 70% e 67%. Entretanto, na mesma pesquisa (CETEC.BR, 2014, p. 458), os dados indicam 45% para as participantes e 52% para os participantes. Assim como a pesquisa nacional brasileira, a nossa pesquisa apresentou uma pequena diferença, para maior pelas meninas, no uso da Internet para os estudos, para acesso a atualidades, redes sociais e chats - em outras palavras - para estudos e comunicação em geral. Os meninos, por outro lado, acessam um pouco menos para os estudos, chat, redes sociais e afins, mas acentuadamente usam mais o computador e a Internet para ouvir música, assistir a vídeos e jogar, em contraposição às meninas.

Se observamos o conteúdo de pesquisa na Internet de ambos os gêneros e constatamos que as mulheres acessam mais itens do critério beleza e menos tecnologia e jogos em valores proporcionalmente inversos aos acessos dos meninos, temos mais uma evidência de que as práticas sociais femininas têm características que se distinguem dos masculinos por critérios típicos. Analisando os tipos de acesso (sites, e-mails, redes sociais, etc.) entre as participantes femininas em oposição aos masculinos, observou-se que a única atividade que as mulheres fazem muito menos com TIC é ouvir música, ver vídeos e jogar. Todas as outras atividades, as que incluem conversar e estudar, apresentam porcentagens ligeiramente maiores. Isso indica duas características: as mulheres se preocupam um pouco mais em atualizar-se e estudar, assim como também se comunicam mais por redes sociais, chats e e-mails. Talvez os meninos e rapazes usem os jogos online para se comunicar com mais frequência, contudo é provável que essa comunicação se restrinja aos objetivos do jogo. Retomando o argumento de Bourdieu, é notável que mulheres, principalmente as de classe burguesa, procurem mais aprimorar seus conhecimentos, mas isso tende a voltar-se

mais tarde para atividades secundárias na sociedade, em se tratando dos níveis ou cargos hierárquicos de poder das atividades. Assim, elas estudam mais, porém elevam-se até certo ponto. Sua crítica é de que, nesse caso, as mulheres não estão contribuindo para desconstrução do paradigma masculino. Na verdade, esse esforço apenas eleva seu valor até o ponto em que é permitido esse mesmo paradigma.

Dessa forma, não cria valores novos, porque aceita os valores que são dados pelo próprio sistema. Caso estude e preocupe-se um pouco mais com tecnologias, isso vai até o limite em que atinja o objetivo de garantir certa independência com um emprego na atual conjuntura socioeconômica, mas sua evidente preocupação com a beleza a níveis muito mais elevados pode ser um sinal de que ainda se pauta nos valores de dominância masculina. Esse argumento não é mais novo e certamente merece maior aprofundamento para ser confirmado, entretanto não há dúvida de que a mídia reflete os ideais de beleza que se transformam em regra a ser seguida, muitas vezes, a alto custo pelas mulheres. Mesmo se os homens sofrem esse mesmo processo, ainda assim, é velado. Analisando, por exemplo, os dados desta pesquisa, as porcentagens de acesso do grupo masculino a esse tipo de conteúdo, é por si um princípio indicativo de algo secundário ou, ao menos, velado, para acobertar sua "fraqueza" por ser característica historicamente associada ao feminino.

Volman et al. (2005) que investigou a acessibilidade e atratividade dos diferentes tipos de aplicações das TDIC em sete escolas primárias e secundárias, considerando meninas e meninos de famílias de minorias étnicas e da maioria da população. e os resultados apontaram que são pequenas as diferenças de gênero, especialmente no ensino primário. No ensino secundário, a atitude das participantes femininas pareceu ser menos participativa do que o de meninos em relação aos estudos com TDIC (p. 35).

Dessa forma, entendemos que existem semelhanças, ao passo que tanto as estudantes holandesas quanto as brasileiras das escolas privadas usam mais o conteúdo da Internet com a finalidade de aplicá-lo aos estudos. Além disso, comparando os resultados de ambas as pesquisas, constatamos mais um fato: os meninos acessam mais a Internet mais para o entretenimento, como assistir a vídeos, jogar, ouvir músicas etc.; assim como se interessam mais por tecnologias, comparado às meninas que acessam menos esses tipos de conteúdo.

5 Conclusão

Este estudo relatou a percepção e o conteúdo acessado na Internet pelos participantes femininos e masculinos adolescentes entre 14 e 16 anos. Sob o ponto de vista de Bourdieu, procurou-se analisar as possíveis diferenças de uso entre esses gêneros que, a despeito da complexidade da questão, ainda permanecem cristalizados em papéis sociais internalizados. A importância dessa observação reside na identificação das estruturas cognitivas dos sujeitos. Tal reconhecimento, na atual conjuntura de estudos de gênero no Brasil, tem como consequência a conscientização de pesquisadores e educadores sobre mecanismos que impedem, muitas vezes, o pleno desenvolvimento das subjetividades, especialmente a feminina, frente às tecnologias. Seria interessante que as mulheres não

fossem condicionadas e nem se condicionassem a renegar suas potencialidades para a Ciência e a Tecnologia.

No contexto dos estudos sobre gênero no Brasil relacionado às tecnologias, não havia panorama que oferecesse dados analisando a imersão de adolescentes no contexto da cibercultura. No exterior, em contrapartida, algumas referências foram encontradas. Uma delas sugere que as meninas se veem como outsiders e rapazes, como experts (VOLMAN, 1997) Volman et al. (2005), corroborando a visão de que a interação entre os sujeitos e suas relações com as TDIC refletem e projetam as subjetividades que determinam suas percepções e escolhas. O que vimos, é que essa limitação começa muito mais cedo e depende não só do contexto social determinante, como também faz parte das estruturas cognitivas dos sujeitos.

Assim, o indicativo de que o interesse maior das participantes femininas para o uso das TDIC para os estudos e atualização, não mostra construção da independência feminina total ou mesmo completo descolamento do patriarcalismo.

A partir do momento em que entre os dados aparecem porcentagens maiores de interesse em comunicação geral e beleza e menores para informações sobre tecnologia, em valores inversamente proporcionais aos apresentados pelos participantes masculinos, comprovam a perpetuação desse paradigma.

Os homens, através de seus comportamentos moldados pela pressão social no que se refere aos seus interesses, acabam por igualmente reforçar esse paradigma.

Existe uma tendência de esforço das mulheres, desde cedo, em consolidar conhecimentos, contudo seus interesses e direcionamentos fogem do gosto por tecnologias e inclinam-se à preferência explícita para cuidados com a beleza física, denunciando a perpetuação de seus papéis de submissão.

6 Referências

BARRETO, M. D. P. S. L. Patriarcalismo e o Feminismo: uma retrospectiva histórica. *Revista Ártemis*, (1), 64-73, 2004.

BOGDAN, R. C., BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*, 1994

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, P. O inconsciente da escola. *Pro-Posições*, 24(3), 227-233, 2013.

CASTELLS, M. *O poder da identidade – a era da informação: economia, sociedade e cultura*. Paz e Terra, 2001.

CETIC.BR. *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC educação 2014*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2015.

MILL, D.; FIDALGO, F. O trabalho da mulher na educação a distância da idade média: sobre teletrabalho, tecnologia e relações de sexo. *Faces de Eva*, 25-52, 2010.

SARTI, C. A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Estudos feministas*, 35-50, 2004.

TANNER, J. M. *Growth at adolescence*. Oxford: Blackwell, 1962.

VIANNA, C.; FINCO, D. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. *Cadernos Pagu*, n. 33, p. 265–283, 2009.

VOLMAN, M. Gender-related effects of computer and information literacy education. *Journal of Curriculum Studies*, 29(3), 315-328, 1997.

VOLMAN, M.; VAN ECK, E., HEEMSKERK, I.; KUIPER, E. New technologies, new differences. Gender and ethnic differences in pupils' use of ICT in primary and secondary education. *Computers & Education*, 45(1), 35-55, 2005.